

Design sistêmico para a promoção do desenvolvimento econômico local e cultural em contextos vulneráveis.

Diseño sistémico para promover el desarrollo económico y cultural local en contextos vulnerables.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal explicitar como a metodologia do Design Sistêmico pode alavancar o Desenvolvimento Econômico Local, em contextos vulneráveis das grandes cidades brasileiras, valorizando a cultura e os saberes locais. O estudo de caso é empregado como método da pesquisa, ainda em andamento, na qual o território denominado 'Conjunto Confisco' se apresenta como objeto. Tal pesquisa visa promover uma rede de geração de renda e de trabalho de qualidade entre os moradores do território, a partir dos recursos materiais e imateriais locais, de maneira sustentável.

Palavras-Chave: Cultura, Desenvolvimento Econômico Local (DEL), Design Sistêmico, Território.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo principal explicar cómo la metodología del Diseño Sistémico puede alavancar el Desarrollo Económico Local, en contextos vulnerables de las grandes ciudades brasileñas, valorando la cultura y el conocimiento local. El estudio de caso se utiliza como un método de investigación, aún en proceso, en el que el territorio denominado 'Conjunto Confisco' se presenta como un objeto. Dicha investigación tiene como objetivo promover una red de generación de ingresos y trabajo de calidad entre los habitantes del territorio, a partir de recursos materiales e inmateriales locales, de manera sostenible.

Palabras claves: Cultura, Desarrollo Económico Local (DEL), Diseño Sistémico, Territorio.

1. Introdução

O êxodo rural, iniciado em decorrência da Revolução Industrial, modificou drasticamente o cenário cultural e as dinâmicas das cidades, devido ao grande volume de pessoas que migravam para os grandes centros urbanos. A maioria destas eram trabalhadores das indústrias que despontavam inicialmente na Inglaterra, no restante da Europa logo depois, e posteriormente em todo o globo.

A falta de planejamento e o crescimento desordenado das cidades ocasionaram, no decorrer do tempo, diversos problemas cumulativos. Como exemplo, podemos citar uma das mais complexas e desafiadoras problemáticas do nosso século: a mudança climática. Esta, apesar de referida como global, é localmente que sentimos seus efeitos (tempestades, ilhas de calor, crises hídricas, dentre outros), assim como suas consequências negativas (impactos ambientais, econômicos, sociais, além dos óbitos irreparáveis). Neste contexto, ressaltamos que uma série de variáveis, para além das mudanças climáticas, afeta o clima urbano, como uso e ocupação do solo, vegetação, tráfego, materiais construtivos etc. (UGEDA JÚNIOR; AMORIM, 2016). Sendo assim, é perfeitamente possível que um cidadão sofra mais ou menos com tais efeitos, de acordo com o microclima gerado pela região da cidade em que vive.

No atual contexto das cidades brasileiras, no qual vivem cerca de 85% da população (IBGE, 2016, p. 41), podemos verificar que a camada mais pobre da sociedade foi 'expulsa' para as áreas periféricas. Esta 'estratégia', denominada 'segregação espacial', foi amplamente empregada tanto para a regulação social quanto para a gestão urbana nas cidades europeias,

entre os séculos XVIII e XIX, por razões políticas, religiosas, étnicas etc. No Brasil, a segregação espacial ocorre, essencialmente, em função da classe social.

Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, é a terceira cidade mais adensada do Brasil, logo depois de São Paulo – SP e Rio de Janeiro – RJ (WAY CARBON, 2016). Portanto, não raro, os jornais locais anunciam mortes provocadas por inundações, deslizamentos, doenças transmitidas por mosquitos vetores, dentre outras. Com o intuito de fundamentar o Plano Municipal de Adaptação e Resiliência de BH, sua Prefeitura realizou a análise de vulnerabilidade às mudanças climáticas no município, entre os anos de 2015 e 2016. Como resultado, foi produzido um documento¹ no qual apresenta os 10 principais *hotspots* de vulnerabilidade naquele ano (2016) e aqueles que devem se tornar em médio prazo (2030). Estes foram associados a regiões com alta sensibilidade social, refletida pela baixa renda e ocupação inadequada.

Neste contexto destacamos o bairro ‘Conjunto Confisco’, que revelou uma classificação de vulnerabilidade elevada, quando comparado a outros bairros em ambos os cenários (2016 e 2030). Associado ao Modelo EPIC-N, programa estadunidenses cujo objetivo é unir o capital humano das universidades com os governos locais e comunidades, firmou-se uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), com o intuito de melhorar a qualidade de vida e a riqueza social para os moradores da região do Confisco. Para tanto, formou-se uma equipe multidisciplinar, composta por designers, arquitetos, engenheiros, biólogos, geógrafos, botânicos, assistentes sociais e técnicos de diversas secretarias da PBH, que trabalham de maneira coletiva e participativa junto à comunidade.

Dentre as diversas vulnerabilidades, o presente artigo trata da vulnerabilidade econômica no âmbito da parceria supracitada, por meio de um estudo de caso na região do Confisco, a partir das abordagens do Desenvolvimento Econômico Local (DEL) e da metodologia do Design Sistêmico. Este território, denominado de ‘Confisco Criativo’, está localizado na periferia da região oeste de BH, é composto pelas comunidades do Arvoredo II, Braúnas, Estrela Dalva, Itatiaia, Nacional, Recanto da Pampulha, São Mateus, Santa Terezinha, Tijuca, Urca, Vila Itália, Vila Mariano, e o Conjunto Confisco (Figura 1), na qual moram cerca de 25.000 pessoas. Interessante observar que parte deste território se encontra no município de Contagem (MG), apesar dos seus moradores não se identificarem com o mesmo. O principal objetivo desta pesquisa é explicitar de que maneira a metodologia Design Sistêmico, cujo foco é gerar fonte de renda e trabalho de qualidade a partir da cultura e dos recursos (materiais e imateriais) locais, pode contribuir na construção de redes de fomento econômico local no território supracitado, por meio especialmente da cultura local.

2. Metodologia

A metodologia adotada para o presente exposto, baseia-se em uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo, que nos últimos tempos tem sido comumente aplicada nas Ciências Sociais, e “[...] dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos” (FLICK, 2009, p. 37). Para tanto, estruturou-se as investigações em duas perspectivas metodológicas, sendo a primeira o Estudo de Caso, e a segunda o Design Sistêmico.

¹ Disponível em: <http://conteudo.waycarbon.com/resumo-para-os-tomadores-de-decisao-estudo-de-vulnerabilidade-as-mudancas-climaticas-de-belo-horizonte>. Acesso em: 27 jul. 2020.

O Estudo de Caso é um importante aporte metodológico ao se investigar contextos sociais singulares, complexos, em seu pleno desenvolvimento comum, sem quaisquer interferências ou controle dos acontecimentos, seja por parte dos envolvidos, atores sociais, ou até mesmo do pesquisador. Segundo Robert K. Yin, esta metodologia é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

No que diz respeito especificamente a metodologia Design Sistêmico, esta foi utilizada por se tratar de uma perspectiva metodológica que vislumbra a instauração de sistemas produtivos locais, autopoieticos, biomiméticos em que não existe o conceito de lixo, uma vez que o que é saída (*output*) de uma atividade produtiva se torna entrada (*input*) para outra, gerando assim, redes interconectadas de sistemas sustentáveis em todos os eixos do seu desenvolvimento. O Design Sistêmico se estrutura em quatro etapas metodológicas, conforme explicitam e corroboram Bistagnino (2011) e Pêgo (2018): em primeiro lugar, a compreensão do contexto e da cultura do território, seus aspectos políticos, geográfico sociais e econômicos, por meio do chamado “Relevo Holístico”; em seguida é realizado um mapeamento dos fluxos produtivos, formais ou informais, existentes no território, identificando todos os *inputs* e *outputs* existentes, bem como obstáculos no sistema e possibilidades de desenvolvimentos futuros; a próxima etapa é a sistematização e produção de um fluxo de matéria e energia alternativo, chamado de “Mapa Sistêmico”, para a construção de uma rede produtiva auto sustentável, levando em consideração as informações obtidas na etapa anterior; por fim, é feita uma comparação entre o cenário existente e o cenário proposto a fim de visualizar os impactos da proposta de projeto no território.

3. Resultados Parciais

Uma vez que os dados deste trabalho foram obtidos por meio de uma pesquisa ainda em andamento, os resultados apresentados são, portanto, parciais, sendo passíveis de mudanças ao longo do desenvolvimento do projeto. A primeira etapa de desenvolvimento desse trabalho se concentrou na investigação e coleta de dados a respeito das características do território, através da ferramenta de “Relevo Holístico”, utilizada na metodologia Design Sistêmico. Sua aplicação visa a compreensão de forma aprofundada do território, estudando, isto é, seus contornos geográficos, políticos, econômicos e climáticos. Além disso, estuda-se aspectos das culturas materiais (produtos típicos) e imateriais (conhecimentos e práticas coletivas) daquela comunidade, englobando assim sua culinária, seu folclore e suas celebrações tradicionais. A realização desse mapeamento também permitiu a aproximação entre a equipe de pesquisadoras junto aos atores sociais envolvidos nas dinâmicas do território “Conjunto Confisco”.

A realização desta etapa apresentou dados importantes acerca da história do bairro, que teve a primeira etapa de sua constituição geográfica em meados dos anos de 1988, quando um grupo de pessoas sem-teto protestam frente a frente à Igreja São José, importante ponto turístico da cidade de Belo Horizonte, de lá para cá muitas foram as transformações ocorridas até o surgimento do atual território do “Conjunto Confisco”, uma característica marcante neste cenário, é o protagonismo das mulheres na luta especialmente por moradia e condições de acesso aos direitos civis básicos. O “Relevo Holístico” foi seccionado em distintos aspectos como história, geomorfologia, divisão sociopolítica, espaços públicos, características arquitetônicas, emersão da identidade da comunidade, doenças frequentes, flora, fauna, comércio, festas, movimentos, horta no parque (iniciativa de um morador), saber-fazer (incluindo serviços e produtos), como apresentado no Esquema 1.

